

ALARGANDO A TENDA: A PRESENÇA E OBRA MISSIONÁRIA DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL NA ÁFRICA

*Marcone Bezerra Carvalho**

RESUMO

Este artigo considera a história do crescente envolvimento missionário da Igreja Presbiteriana do Brasil no continente africano. Durante muitas décadas, todo o trabalho missionário dessa denominação no exterior se deu em países nos quais já existiam igrejas presbiterianas, a começar de Portugal. O mesmo se deu posteriormente nos Estados Unidos, Chile, Argentina e Venezuela. O início do trabalho pioneiro no Paraguai, em 1970, marcou a primeira vez em que foi alcançado um país onde não havia uma presença presbiteriana. Quanto ao continente negro, o primeiro envolvimento missionário ocorreu na África do Sul, também nos anos 70. Nas décadas seguintes, por meio da Junta de Missões Estrangeiras (JME) e, posteriormente, de sua sucessora, a Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT), um bom número de missionários foi enviado a Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Gana, África do Sul e Senegal, bem como a Cabo Verde, Guiné-Conacri, Tunísia e Zimbábue. O fenômeno mais impressionante ocorreu entre o povo konkomba, em Gana, a partir dos anos 1993, onde surgiu uma vibrante igreja com milhares de membros. O artigo termina com uma enumeração dos benefícios do grande investimento missionário no continente africano.

* Candidato ao grau de Ph.D. em História pela Universidad de los Andes (Santiago, Chile); mestre em História pela Universidad de los Andes (2021); mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2013); bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2005) e pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (2002); professor convidado do CPAJ; ministro da Iglesia Presbiteriana de Chile (IPCh).

PALAVRAS-CHAVE

Igreja Presbiteriana do Brasil; Missões transculturais; América Latina; África; Igreja Reformada Holandesa; Pastores; Missionários; Nações lusófonas; Povo konkomba.

INTRODUÇÃO

Em agosto de 1959, por ocasião da 18ª Assembleia da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas realizada em São Paulo e da comemoração do centenário da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) no Rio de Janeiro, o pastor presbiteriano moçambicano Zedequias Manganhela ocupou o púlpito de algumas igrejas e conclamou os brasileiros a pregar o evangelho na África. Entre os que ouviram o apelo estava a jovem Mary Guanaes, de 23 anos, filha de missionários, que orou colocando-se à disposição do Senhor para servi-lo na África. Pouco tempo depois, ao conhecer aquele que seria seu esposo, Mary compartilhou com ele o desejo de servir a Deus no continente africano. “Se ninguém tirar isso de sua cabeça, eu vou tirar!”, disse-lhe o jovem. Ela não deixou por menos e replicou: “Nem você, nem ninguém, conseguirá fazer isso!”. Casaram-se em 27 de janeiro de 1962.

Dez anos depois, quando o marido de Mary já tinha sido chamado para o ministério sagrado e exercia seu primeiro pastorado no litoral de São Paulo, chegou-lhe o convite da Igreja Reformada Holandesa da África do Sul para evangelizar e dar assistência aos imigrantes portugueses. Após conversar e orar com a esposa, ele decidiu atender ao apelo dos irmãos holandeses e, dessa maneira, em fevereiro de 1972, o Rev. Mário Manoel Alves desembarcou na África do Sul, acompanhado de Mary, dois filhos e a sogra, vindo a ser o primeiro pastor da IPB a atuar em solo africano.¹ Ademais, através dele alguns outros obreiros da IPB somariam esforços para alargar a tenda entre os portugueses radicados no referido país. As mãos da divina providência costumam surpreender os filhos de Deus. De fato, “os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor” (Is 55.8).

A ida do Rev. Alves para o continente africano aconteceu na mesma época em que a IPB enviou seu primeiro missionário para o exterior. Dois anos antes, em 1970, a denominação havia iniciado uma obra evangelística no vizinho Paraguai,² algo inédito em sua história, tendo em vista que até então só havia colaborado com algumas denominações no estrangeiro, cedendo-lhes pastores. Agora, com o Rev. Alves, o desafio não era simplesmente cruzar as fronteiras terrestres, mas sim o Atlântico para proclamar o evangelho em outro continente. Essa experiência seria repetida por outros compatriotas de Alves nas décadas seguintes.

¹ Informações dadas pelo Rev. Mário Manoel Alves por correspondência eletrônica (19/02/2022).

² Cf. SILVA, Evandro Luís da. *Nós plantamos, Deus abençoou e fez crescer*. Campinas, SP: edição do autor, 2005.

O objetivo deste artigo é relatar as ações da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) na África.³ Os missionários, o local de sua atuação e o tipo de ministério que desenvolveram ou desenvolvem serão objeto de nossa atenção. Antes, porém, se comentará as primeiras experiências da IPB no exterior por meio de pastores que colaboraram com denominações irmãs.

1. AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL NO EXTERIOR

A origem missionária do presbiterianismo no Brasil, assim como a presença de um grande número de obreiros (homens e mulheres) dos EUA servindo no país por muito tempo, contribuiu para que os nacionais entendessem seu papel na tarefa evangelizadora mundial. A dedicação dos missionários impulsionou muitos pastores a imitar seu exemplo. Além disso, por meio de ofertas enviadas da América do Norte, propriedades foram adquiridas, templos foram erguidos ou reformados e jovens puderam preparar-se para o ministério pastoral.

Se é inquestionável a contribuição dos estrangeiros na caminhada da IPB, é justo registrar que a mesma graça que os sustentou despertou e manteve muitos obreiros nacionais que serviram a Deus com exemplar dedicação dentro de nosso país. Olhando em retrospecto, vê-se que a denominação soube assumir o desafio de avançar sem depender dos recursos humanos e materiais vindos de fora. Ela aprendeu a caminhar por si mesma.

Para potencializar as ações evangelísticas dentro do país, em 1940 foi criada a Junta Mista de Missões Nacionais, antecessora da atual Junta de Missões Nacionais (JMN), com representantes da IPB e das missões norte-americanas. Esse órgão, até 1958, ocupou 15 regiões em todo o país. Em fevereiro de 2022, a JMN contabilizava 184 missionários espalhados pelo Brasil.

Outros dois organismos missionários que fazem parte da história da IPB são a Missão Caiuá e a Missão Presbiteriana da Amazônia. Sobre a primeira, trata-se de uma organização dedicada ao serviço entre os índios Kaiowá, sediada em Dourados, no Mato Grosso do Sul, que foi fundada em 1928 por iniciativa do casal norte-americano Rev. Albert Maxwell e Mabel Maxwell. A Missão, que é administrada por representantes da IPB e da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), conta com hospital, escola e instituto bíblico, e desenvolve ministérios em sete áreas do estado de Mato Grosso do Sul. Quanto à Missão Presbiteriana da Amazônia (MPA), foi idealizada pelo Rev. Antônio Teixeira Gueiros e organizada em 1950. Sua criação atendeu à necessidade de coordenar a obra evangelística nessa vasta região do território brasileiro. Em 1959, a MPA contava com três pastores e seis obreiros leigos, que atuavam nos estados e territórios do Pará, Amapá, Acre e Rondônia. Com a organização do

³ O foco da nossa atenção são os obreiros que têm algum vínculo com a Igreja Presbiteriana do Brasil, quer tenham sido enviados pela JME (Junta de Missões Estrangeiras), APMT (Agência Presbiteriana de Missões Transculturais), igrejas locais ou missões interdenominacionais.

Presbitério da Amazônia, em 1962, os campos da MPA foram assumidos por esse concílio e o referido organismo desapareceu.

Logo chegaria o momento de enviar obreiros ao continente africano. Contudo, antes disso acontecer, houve uma experiência de colaboração da IPB com denominações irmãs de outros países. Atentar para esse processo é importante porque, grosso modo, a primeira leva de pastores da denominação que serviu do outro lado do Atlântico repetiu com a Igreja Reformada Holandesa a parceria que a IPB vinha tendo com igrejas irmãs desde 1910. Ou seja, a chegada do Rev. Mário Manoel Alves a Pretória no começo de 1972 foi antecedida por 60 anos de cessão de pastores para igrejas estrangeiras.

1.1 Pastores em Portugal⁴

Já em 1900 o Rev. Álvaro Reis falava da criação de uma sociedade cujo fim fosse auxiliar e manter uma missão evangélica em Portugal. Quando se organizou a assembleia geral, em 1910, uma de suas decisões foi a de iniciar o trabalho missionário no referido país. Os mais conhecidos promotores desse empreendimento foram os Revs. Álvaro Reis e Erasmo Braga, ambos filhos de portugueses, e o Rev. Manoel Antônio de Menezes, português, que havia falado à novel assembleia sobre a situação precária da pequeníssima igreja presbiteriana em Lisboa. No final do 1910 desembarcou o primeiro obreiro da IPB em terras lusitanas, dois meses após a instauração do regime republicano no país.

O quadro abaixo lista o nome, a cidade e o período dos pastores que serviram em Portugal.

Obreiro	Cidade	Período
João Marques da Mota Sobrinho	Lisboa	1910-1922
Pascoal Luiz Pitta	Lisboa	1925-1940
Natanael Emmerich	Lisboa	1944-1947
Samuel Sydrack Rizzo	Lisboa	1946-1948
Aureliano Lino Pires	Açores/Lisboa	1946-1951
Natanael da Silveira Beuttenmüller	Bebedouro	1947-1949
Theófilo Carnier	Madeira/Figueira da Foz	1949, 1951
Gerson de Azevedo Meyer	Lisboa	1952-1959
Claude Emmanuel Labrunie	Carcavelos	1957-1958
Luiz Pereira Boaventura		1962-1963

⁴ As informações dessa seção foram extraídas dos volumes I e II de *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, de Júlio Andrade Ferreira, e de *Uma Igreja Peregrina: história da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 a 2009*, de Alderi Souza de Matos. Também nos servimos de David Valente, “Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal: contributo para a história da sua formação”. *Lusitania Sacra*, 2ª série, 16 (2004): 477-510.

Em 1944, a IPB criou sua Junta de Missões Estrangeiras (JME) que, nesse mesmo ano, aliou-se às Igrejas dos Estados Unidos – PCUSA (Igreja do Norte) e PCUS (Igreja do Sul) – no esforço de enviar missionários a Portugal. Fundamentais para esse acordo foram os Revs. Samuel Sydrack Rizzo⁵ e Richard Lord Waddell,⁶ ambos nascidos no Brasil e com fortes laços com a IPB, mas também vinculados à PCUSA. Por conta disso, desembarcaram naquele país, nos anos seguintes, pastores brasileiros e outros enviados pelas denominações norte-americanas. Em 1952, foi criada a Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, que reuniu todos os obreiros da IPB, PCUSA e PCUS no país.

Diferentemente dos pioneiros Mota Sobrinho e Pascoal Pitta, os demais obreiros brasileiros ficaram por pouco tempo no país. A maioria deles pastoreou igrejas e ensinou no antigo Seminário Teológico Presbiteriano de Portugal, fundado em 1946, que, em 1949, mudou-se de Lisboa para Carcavelos, passando a chamar-se em seguida Seminário Evangélico de Teologia.

1.2 Pastores nos Estados Unidos

No período que antecede ou coincide com a chegada dos primeiros brasileiros na África, alguns obreiros da IPB exerceram o ministério pastoral nos EUA junto à comunidade portuguesa. Foram eles:

Obreiro	Cidade	Período
Samuel Sydrack Rizzo	Newark, NJ	1929-1946
Paulo Lício Rizzo	New Bedford, MA	1946-1947
Wilson de Castro Ferreira	Newark, NJ	1947-1948
Edijéce Martins Ferreira	Newark, NJ	1974-1976
Joel Paulo de Sousa Filho	Newark, NJ	1976-1979

Quatro dos cinco nomes listados foram pastores da St. Paul's Presbyterian Church, que nasceu por iniciativa de um grupo de portugueses protestantes que sugeriu ao Rev. Samuel S. Rizzo – que realizava estudos acadêmicos nos EUA – fundar uma congregação em Newark, Nova Jersey. Ele aceitou o desafio e os trabalhos começaram em 1929. Seis anos depois, a congregação foi organizada

⁵ Residia nos Estados Unidos desde 1926. Foi o representante da IPB na assembleia de organização do Conselho Mundial de Igrejas, em Amsterdã (1948). Mais informações sobre ele em: MATOS, Alderi Souza de. *Os consolidadores da obra presbiteriana no Brasil*. São Paulo: Edição do autor, 2014, p. 174.

⁶ Sobre ele, cf. MATOS, Alderi Souza de Matos. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004), p. 136s.

em igreja pelo Presbitério de Newark, da PCUSA. Após o ministério do Rev. Rizzo, que recebeu o título de pastor emérito em 1946, outros ministros da IPB ocuparam o posto pastoral.⁷

Outra comunidade portuguesa que foi atendida por um ministro da IPB foi a Igreja Cristã Presbiteriana, em New Bedford, Massachusetts. Entre 1946 e 1947, o Rev. Paulo Lício Rizzo, filho do Rev. Miguel Rizzo Júnior e sobrinho do Rev. Samuel S. Rizzo, esteve à frente da mesma.⁸

1.3 Pastores no Chile, Argentina e Venezuela⁹

A ida de obreiros da IPB para o Chile, assim como para a Argentina e a Venezuela, está diretamente ligada à política missionária da PCUSA. Naquela altura, meados da década de 1950, havia por parte dos estadunidenses o desejo de nacionalizar antigos campos missionários.

Um fato em especial teve implicações no envolvimento da IPB com a obra na América do Sul. Em 1958, a PCUSA e a United Presbyterian Church of North America se integraram e deram origem à United Presbyterian Church in the United States of America. Com essa fusão, desapareceu o Board of Foreign Missions, surgiu a Commission on Ecumenical Mission and Relations (COEMAR) e uma nova postura foi adotada: acelerar o processo de independência eclesiástica das igrejas filhas.

Chile e Venezuela eram antigos campos missionários, nos quais os pioneiros americanos haviam chegado no século XIX. Além do mais, o Presbitério do Chile acolhia uma igreja na Argentina e estava comprometido em ajudar a Facultad Evangélica de Teología, em Buenos Aires, para onde enviava alguns dos seus candidatos ao sagrado ministério. Considerando que o número de pastores nacionais era inferior ao de igrejas e que a presença de estadunidenses já não era bem-vista, a COEMAR e a IPB – que nesse momento tinham boas relações – concordaram em enviar “obreiros fraternais” ao Chile, Argentina e Venezuela. Foi assim que pastores brasileiros tiveram a oportunidade de servir na região. Essa experiência de parceria transcultural aconteceu justamente no tempo em que os contatos e aproximações entre os reformados do continente estavam no auge. Evidência disso é que, em 1955, tinha sido organizada a Comissão de Cooperação Presbiteriana na América

⁷ Essa igreja também tem tido pastores ligados à Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB). O mais conhecido deles é o Rev. João Wilson Faustini, que exerceu o pastorado de 1982 a 1996 e escreveu o documento *St. Paul's History*, trabalho não publicado. 2004.

⁸ Cf. MATOS, *Os consolidadores da obra presbiteriana no Brasil*, p. 172s.

⁹ Informações extraídas do ensaio “Pastores brasileños en Chile (1958-1971)”. In: CARVALHO, Marccone Bezerra (Org.). *Meditad sobre vuestros caminos: reflexiones en torno a los 150 años del presbiterianismo en Chile*. Santiago de Chile: Sabiduría Libros, 2018, p. 215-241.

Latina (CCPAL), que, em 1966,¹⁰ vinculou-se à Aliança Mundial de Igrejas Reformadas.

Eis a relação de obreiros que serviram nos referidos países.

Obreiro	Cidade/País	Período
Aristeu Pires de Oliveira	Buenos Aires, Argentina	1958-1959
Ruben Alberto de Souza	Chillán, Chile	1958-1960
Nephtali Vieira Junior	Antofagasta e Valparaíso, Chile	1959-1967
Nelson A. de Paula Bonilha	Buenos Aires, Argentina	1960-1962
Anísio Saldiba	Rancagua, Chile	1960-1962
Odayr Olivetti	Concepción e Santiago, Chile	1961-1965
João Emerick de Souza	Chillán e Copiapó, Chile	1961-1971
Sylvio Pedrozo Freitas	Antofagasta e Copiapó, Chile	1962-1967
Joás Dias de Araújo	Maracaibo, Venezuela	1962-1965
Moacyr Jordão de Almeida	Buenos Aires	1965-

Na Venezuela e na Argentina, a colaboração dos brasileiros foi bem específica. No primeiro país, o obreiro da IPB atuou, como pastor, em uma única cidade. Na Argentina, foram três obreiros que lecionaram na Facultad Evangélica de Teología por cerca de 10 anos e que também auxiliaram o trabalho em duas congregações locais. Por sua vez, no Chile, os brasileiros estiveram por mais de 12 anos, pastorearam igrejas nas diversas regiões e ocuparam cargos nos presbitérios e no Sínodo. O rompimento de relações entre a Igreja Presbiteriana do Chile e a COEMAR, em dezembro de 1967, inviabilizou a permanência dos obreiros da IPB no país, visto que parte do salário deles era paga pelos norte-americanos. Com o retorno do Rev. João Emerick de Souza ao Brasil em 1971, findou-se o primeiro capítulo da presença de pastores da IPB no Chile.¹¹

¹⁰ Nesse ano a CCPAL passou a chamar-se Associação de Igrejas Presbiterianas e Reformadas da América Latina (Aipral). Desde 1997 é conhecida como Aliança de Igrejas Presbiterianas e Reformadas da América Latina.

¹¹ Desde 2001, a Igreja Presbiteriana do Chile voltou a contar com a participação de obreiros da IPB. Pelo menos 17 pastores e um evangelista têm servido à denominação. Neste momento (fevereiro de 2022), são quatro obreiros.

2. PASTORES NA ÁFRICA DO SUL (1972-1982)¹²

Se na década de 1960 os leitores do *Brasil Presbiteriano* acostumaram-se a receber notícias de seus compatriotas na América do Sul, na década seguinte as notícias que chegavam vinham da África do Sul.¹³

As experiências de obreiros que foram contratados pela Igreja Reformada Holandesa para trabalhar junto aos refugiados portugueses durante os tempos do apartheid poderiam servir como roteiro de um filme.

Desde meados do século XIX, a África do Sul passou a ser o destino de portugueses que ali desembarcaram em busca de melhores condições de vida. A grande maioria era proveniente da Ilha da Madeira. Mais de um século depois, quando os lusitanos estavam sob o regime salazarista, outros milhares que viviam em Moçambique e Angola, colônias de Portugal, se refugiaram na terra dos africanos.

A partir de meados da 1960, à medida que os conflitos pela independência de Angola e Moçambique se acentuaram, a migração de portugueses se intensificou e, após a Revolução dos Cravos (1974), a condição de muitos deles era desesperadora. Tinham saído às pressas, fugindo da violência que caracterizou aqueles dias, e alguns testemunharam a morte de seus compatriotas. Tanto na África do Sul como na Namíbia, os campos de refugiados se multiplicaram. Essa situação se constituiu em um desafio e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para a Nederduitse Gereformeerde Kerk (Zuid-Afrika). Pelo menos foi essa a percepção do Rev. Petrus Arnoldus Pienaar (1930-2021), que pastoreava a Riviera Congregation em Pretória – cidade para onde afluiu boa parte dos imigrantes portugueses.

Em 1969, Pienaar envolveu-se com a evangelização dos lusitanos e fundou, em Pretória, a congregação portuguesa da Igreja Reformada Holandesa.¹⁴ Como a seara era grande, Pienaar tentou conseguir pastores em Portugal para atender aos refugiados. Sem sucesso, voltou-se para o Brasil e fez contatos com pessoas da Igreja Presbiteriana Independente, que não pôde ajudá-lo.

¹² Para elaboração desse tópico, algumas informações foram obtidas através de correspondência eletrônica com Cláudio Marra, Éber César, Hermanus Taute, João Armando Coelho, Mário Manoel Alves e Pine Pienaar nos primeiros meses de 2022. Além disso, foram úteis as seguintes fontes: CARVALHO, Marcone Bezerra. “Pastores brasileiros na África do Sul”. *Brasil Presbiteriano*, out. 2016, p. 6-7; *Voz portuguesa* (boletim da Igreja Reformada Portuguesa de Pretória), mar. e set. 1973, jun. 1975 e jul. 1976; jornal *Ultimato*, jun. e out. 1973, dez. 1974, jun. e set. 1975; CÉSAR, Éber Magalhães Lenz. *Vida de pastor: memórias de uma jornada*. Brasília: edição do autor, 2020; e HAVEMANN, G. G. *Die Nederduitse Gereformeerde sending onder die Portugese*. Tese de mestrado. University of Pretoria, 1981. Agradeço a Pine Pienaar a tradução de alguns trechos dessa dissertação.

¹³ O jornal *Ultimato*, editado pelo Rev. Elben M. Lenz César, também dava notícias a respeito. O Rev. Éber M. Lenz César soube da ida do Rev. Mário Alves pelas páginas do então jornal *Ultimato*.

¹⁴ A data de organização da igreja foi 21 de junho de 1970 e ela passou a ter um conselho formado por três presbíteros sob a presidência do pastor Pienaar.

Então, recorreu à IPB, solicitando ao presidente do Supremo Concílio, Rev. Boanerges Ribeiro, um obreiro para auxiliá-lo no trabalho de evangelização.

O Rev. Ribeiro convidou o Rev. Mário Manoel Alves, que havia sido ordenado em 1968 e exercia o ministério no Guarujá, São Paulo, a pensar e orar a respeito, e passou-lhe a carta escrita pelo Rev. Pienaar. Nessa altura, como o próprio Alves relata, o Senhor já lhe havia dado “visão para a obra missionária”. Convencido de que Deus era quem o estava dirigindo, ele aceitou o convite e a família desembarcou no país em 13 de fevereiro de 1972.

Em termos práticos, o trabalho consistia em localizar, visitar e evangelizar famílias, discipulando os convertidos. A partir de alguns portugueses que Pienaar conhecia e de outros que apareciam nos cultos dominicais, visitas eram marcadas e o evangelho era pregado. Muitos desses lusitanos eram católicos nominais e jamais haviam aberto a bíblia. Os que se mostravam receptivos ao evangelho ou aceitavam a Cristo como Salvador eram doutrinados em uma classe de estudo bíblico antes do culto dominical de meio-dia e, mais tarde, quando o número deles aumentou, no domingo à noite. Às vezes, o discipulado acontecia nas casas. Eventualmente também se realizavam cultos nos lares e os anfitriões convidavam seus conhecidos. Como o pastor Alves tocava violão, foram introduzidos tanto nos cultos dos lares como nas reuniões dominicais da noite cânticos das igrejas do Brasil, mais fáceis de ser entoados que os hinos tradicionais. O trabalho de Alves foi bem aceito pelos irmãos da Igreja Reformada Holandesa. Mas logo surgiu a primeira divergência entre o pastor brasileiro e o pastor africâner: os portugueses que queriam ser membros da igreja deviam ser (re)batizados (posição de Alves¹⁵) ou o batismo da Igreja Católica era válido (posição da Igreja Reformada Holandesa)? Eles chegaram ao acordo de que aqueles que queriam ser rebatizados, seriam, mas que o rebatismo não poderia ser imposto. Naturalmente, parte dos que foram doutrinados por Alves preferiu ser batizada.

Como a ministério de Alves foi bem aceito e o número de imigrantes foi aumentando, mais pastores do Brasil foram contratados a fim de expandir a obra evangelística para Johannesburgo, Nelspruit, Vanderbilpark, Ermelo, Brits e Cape Town. No final de 1972, Alves veio ao Brasil e falou em algumas cidades sobre a necessidade do campo sul-africano. Como consequência disso, mais um brasileiro chegou em 1973 e outros que foram contatados por Alves desembarcariam nos próximos anos. De fato, isso aconteceu principalmente porque, após 1974-1975, milhares de portugueses passaram a viver nas referidas cidades e nos assentamentos comunitários (em Cullinan, na África do Sul, e Windhoek, Grootfontein, Rundu e Caprivi Strip, na Namíbia). Estimativas

¹⁵ Alves mantinha a posição oficial da IPB.

apontavam que, naquele momento, a comunidade lusitana no país era de 100 mil pessoas.

Os demais brasileiros que se integraram ao ministério de língua portuguesa foram Cláudio Antônio Batista Marra, Éber Magalhães Lenz César, Dídimo de Freitas e Samuel de Oliveira Coelho. Todos tiveram que ser ordenados pela Igreja Reformada Holandesa, visto que, para exercer o ministério nessa denominação, isso era exigido. Os convites foram feitos pelas Igrejas de Pretória e Johannesburg. Os custos (passagens, moradia, carros, trâmites legais etc.) foram integralmente assumidos pelas congregações sul-africanas e por meio de ofertas particulares. Além de Pienaar e dos brasileiros, formavam parte do ministério em língua portuguesa o angolano Benjamim Trindade e o sul-africano Pieter Botha. O quadro a seguir informa o local e o tempo de permanência dos brasileiros na África do Sul.¹⁶

Obreiro	Cidade	Período
Mário Manoel Alves	Pretória	1972-1981
Cláudio Antônio Batista Marra	Johannesburg	1973-1976
Éber Magalhães Lenz César	Nelspruit	1975-1976
Dídimo de Freitas	Vanderbijlpark	1975-1977
Samuel de Oliveira Coelho	Pretória	1975-1982



Atrás, em pé: Alves, Pienaar, Trindade. Marra e Coelho. Na frente: Freitas e César.

¹⁶ Enquanto os brasileiros serviram nas cidades indicadas no quadro, Benjamim Trindade atuou em Louis Trichardt, Pietersburg e Tzaneen, e Pieter Botha na Cidade do Cabo.

O auge do ministério junto à comunidade lusitana aconteceu em 1976. O boletim “Voz Portuguesa” de julho do mesmo ano traz essa informação:¹⁷

Congregação	Número de Membros Professos
1ª Igreja de Pretória (P. Pienaar e M. Alves)	84
2ª Igreja de Pretória (S. Coelho)	67
Nelspruit (E. César)	37
Louis Trichardt (B. Trindade)	26
Joanesburgo (C. Marra)	37
Cidade do Cabo (P. Botha)	20
	Total 271

Apesar de servirem em diferentes cidades, o ministério realizado pelos brasileiros e os demais que trabalhavam com os portugueses era um só: evangelizar e discipular os convertidos. Não só o foco era o mesmo, mas os desafios também. Adaptar-se à vida em outro país era o menor deles. Mais difícil foi lidar com os costumes litúrgicos das igrejas africâneres: começar o culto sempre com o credo apostólico; durante as orações só os homens ficavam em pé; as mulheres deviam ter a cabeça coberta, e a pregação tinha que seguir a ordem temática do Catecismo de Heidelberg, ou seja, temas definidos para todos os domingos do ano.

Nos sermões, qualquer referência ou insinuação de que o batismo católico era ilegítimo causava desconforto nos líderes africâneres e podia ocasionar uma conversa a posteriori para lembrar ao pregador que a denominação tinha outro entendimento. Segundo o Rev. Cláudio Marra, que foi auxiliar do Rev. Gert Swart em Johannesburgo, o objetivo dos pastores africâneres era “atrair para a Igreja Reformada os imigrantes lusos descontentes com o catolicismo. Não se falava em conversão. Por isso não deveríamos batizar ninguém”. Na ótica dos brasileiros, os católicos tinham que ser evangelizados e batizados; para os africâneres, tratava-se de inseri-los em sua cultura, inclusive na esfera eclesiástica. Pelo menos era assim que alguns pastores da IPB interpretaram o sentimento de seus irmãos reformados. No fundo, eram visões distintas.

Contudo, nenhuma dessas questões foi tão complexa quanto as regras impostas pelo regime segregacionista do apartheid. A Nederduitse Gereformeerde Kerk, estabelecida no século 17, era a igreja dos colonizadores e seus

¹⁷ No mesmo boletim e na mesma seção aparece a seguinte nota: “Vanderbijlpark – Nesta cidade o Rev. D. de Freitas tem reunido, aos domingos e às quartas-feiras, em média de 20 portugueses, tendo já havido reuniões com 50 e até 80 pessoas interessadas em ouvir a palavra de Deus. Um primeiro grupo se prepara para fazer a sua pública profissão de fé”.

descendentes. Era uma denominação antiga, tradicional e de brancos. Por outro lado, os brasileiros vinham de um país mestiço e de uma denominação jovem, sempre disposta a evangelizar todos, independente da cor da pele. Para eles, todas as pessoas – e não somente os portugueses – deviam ouvir o evangelho. Mas, segundo as regras do apartheid, nenhum negro (sul-africano, angolano ou moçambicano) deveria ser convidado para os cultos. Em certa ocasião, o Rev. Éber César perguntou a um pastor africâner se podia convidar um moçambicano que trabalhava em um supermercado para ir à igreja. “Se o levasse à igreja, no dia seguinte você seria mandado de volta ao Brasil”, foi o que ouviu.

Eis como César descreve o que ele e seus colegas brasileiros viram:

De modo geral, os negros faziam todo o trabalho braçal nas cidades dos brancos: construção, limpeza urbana, faxina, etc. Ao entardecer, voltavam de ônibus para as suas próprias cidades. Não podiam dormir na cidade dos brancos. Era comum vermos chefes brancos sentados num banco de praça ou encostados num poste, lendo jornal, enquanto vigiavam um grupo de negros fazendo o trabalho pesado. Na cidade de Nelspruit, como em todo o país, havia grandes Igrejas Reformadas, de língua africâner; os nativos negros tinham suas próprias cidades, separadas pela política do apartheid. Nossa missão era começar e pastorear uma igreja de língua portuguesa, composta de brancos, por força do regime segregacionista. [...] Não tínhamos permissão para convidar e evangelizar negros, nem mesmo os que, oriundos de Moçambique ou Angola, falavam português.

Dessa maneira, em pouco tempo, os obreiros brasileiros se deram conta das dificuldades que teriam que enfrentar para cumprir seu chamado no país.

A partir de 1976, muitos portugueses deixaram a África do Sul. Esse fato contribuiu, em alguma medida, para o retorno dos brasileiros. Outros fatores tinham a ver com as questões já mencionadas (visões distintas sobre a Igreja Católica e, em um grau menor, a liturgia local), desgaste natural gerado pelo relacionamento entre pessoas de culturas e denominações tão diferentes e falta de perspectiva em relação ao futuro. Marra e César voltaram no fim de 1976 e Freitas em 1977. Alves e Coelho, que estavam mais conectados com a obra em Pretória, ficaram até 1981 e 1982, respectivamente.

Os frutos do ministério junto à comunidade portuguesa foram vistos em outros países, mas sobretudo em Portugal. Lá, por não encontrarem uma igreja evangélica na qual se sentissem cómodos, os crentes passaram a ser visitados pelo Rev. Pienaar e outros pastores da África do Sul. Em 1983, Pienaar se mudou para Portugal e, mediante o esforço dele e dos fiéis, em 1985, foram estabelecidas a Igreja Reformada no Porto e a Igreja Reformada em Lisboa, que continuam ativas até hoje.

3. MISSIONÁRIOS NO CONTINENTE AFRICANO (1987-2022)¹⁸

Se até meados da década de 1980 a experiência de alguns pastores da IPB no exterior tinha se resumido a colaborar com igrejas irmãs e o Paraguai era o único “campo virgem” em que a denominação se fazia presente, logo a situação mudaria e o continente africano seria palco de importantes acontecimentos, inclusive propiciando valiosos aprendizados para os presbiterianos brasileiros. Na realidade, o desejo de enviar obreiros para o outro lado do Atlântico era antigo. No Supremo Concílio de 1962, registrou-se:

O Supremo Concílio sente de modo especial a responsabilidade de cooperar de modo efetivo na evangelização não somente de Portugal, mas também das colônias portuguesas na África, porque falamos a mesma língua e pela facilidade que nós, brasileiros, temos e outros povos não têm de trabalhar nessas terras, proclamando a salvadora mensagem de Cristo.¹⁹

A partir de 1987, obreiros da IPB voltaram a atuar no continente. Desde então, a presença de missionários da denominação tem aumentado e, em alguns lugares, a obra está consolidada. Essa fase coincide com o desenvolvimento de uma consciência missiológica, algo que pode ser ilustrado, por exemplo, pelo fato de que, em 2000, a Junta de Missões Estrangeiras (JME) deu lugar à Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT). Acompanhando o movimento missionário contemporâneo, a APMT passou a focar em campos transculturais, com a reestruturação da dinâmica e logística missionária da

¹⁸ Na elaboração dessa seção, foram consultadas dezenas de pessoas por meio de mensagens eletrônicas e, em alguns casos, de chamadas telefônicas – muitas delas são ou foram os protagonistas dos acontecimentos. Outras fontes importantes foram o livro *Uma igreja peregrina*, de Alderi Souza de Matos, os exemplares do jornal *Brasil Presbiteriano* das décadas de 1980, a revista *Alcance*, da APMT, o *Digesto Presbiteriano* e as seguintes fontes: MUSSAQUI, António Neves. *O presbiterianismo em Angola: trinta e dois anos de missão e serviço*. Dissertação de mestrado. Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 2016. FERREIRA, Azor. *Memórias de um semeador: as aventuras de um cristão leigo – vida e obra missionária*. São Paulo: edição do autor, 2017. TROQUEZ, Gerson. “APMT Senegal: Histórico sobre as missões e trabalhos”. Trabalho não publicado, 2022. RIOS, Gessé Almeida. “Uma história das missões no continente africano: contribuição da Agência Presbiteriana de Missões Transculturais da Igreja Presbiteriana do Brasil para a obra missionária”. Trabalho não publicado, 2022. SILVA, José Dilson Alves da. *O prisioneiro: o homem de Deus na prisão*. Santa Bárbara D’Oeste: Z3 Editora e Livrarias, 2015. CARVALHO, Marcone Bezerra. “A jovem Igreja Presbiteriana de Guiné-Bissau”. *Brasil Presbiteriano*, mar. 2018, p. 18; SOUZA, Paulo Serafim de. “Igreja Presbiteriana da Guiné-Bissau: uma jovem de 25 anos coberta da bênção de Deus”. Trabalho não publicado, 2022. LIDÓRIO, Ronaldo de Almeida. *Konkombas: o nascer da igreja em uma tribo do oeste africano*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. Relatórios da Agência Presbiteriana de Missões Transculturais à Comissão Executiva do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil (anos 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010 e 2011) e Relatório da Agência Presbiteriana de Missões Transculturais ao Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil (2014-2018).

¹⁹ *Digesto Presbiteriano*, SC-62-228.

IPB. Se a JME coordenava ações somente em outros países, a nova agência tem coordenado ações junto a outras culturas, dentro e fora do Brasil.

Outro aspecto que permite ver o maior envolvimento com a obra trans-cultural é o aumento no número de obreiros e de países/culturas onde os mesmos atuam, fato que atesta a crescente participação de igrejas locais no financiamento dos projetos missionários:

Ano	Número de Missionários	Países/Culturas
1985	2	1
1997	72	22
2009	116	26
2022	270	42 ²⁰

Os primeiros países que receberam obreiros foram aqueles que têm o português como um de seus idiomas. Entre 1987 e 1990, missionários da IPB desembarcaram em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Desde então, os referidos países e outros – Gana, África do Sul, Senegal, Cabo Verde, Guiné-Conacri, Tunísia e Zimbábue – têm sido campos de atuação da denominação. Vejamos como tem se caracterizado a obra nesses lugares.

3.1 Angola

Em 1984, o fundador da Igreja Presbiteriana de Angola (IPA), Rev. Neves Mussaqui, visitou o Brasil e pediu ajuda ao Presb. Paulo Breda Filho, presidente do Supremo Concílio da IPB. O convênio de cooperação entre as denominações foi firmado em 1987, após uma visita a Angola do novo presidente da IPB, Rev. Edésio Chequer, e do presidente da JME, Rev. Evandro Luís da Silva. Nessa primeira fase de cooperação, a IPB acolheu e treinou jovens angolanos no Instituto Gammon, no Instituto Cristão de Castro, na Igreja de Manaus e, por meio dessa igreja local, financiou estudos teológicos de cinco líderes em instituições angolanas. Ademais, em algumas ocasiões, foram enviados *containers* com donativos (literatura doutrinária, roupas, material de construção, medicamentos etc.) à IPA. Uma missionária da IPB, a enfermeira Esther Guedes da Silva, serviu em Luanda de 1990 a 1992, dedicando-se ao ensino, capacitação de líderes e ação social. Por sua vez, os pastores Fernando Luís Andrade de Freitas e Erasmo José Babboni Silvério atuaram em Lubango como professores do Instituto Superior de Teologia Evangélica (ISTEL), respectivamente em 1995-2001 e 2000-2004. O ISTEEL é um seminário da Aliança Evangélica de Angola, da qual a IPA faz parte e com a qual colabora.

²⁰ Consulta feita ao site da APMT em fevereiro de 2022.

Em 2001, o Rev. Guilhermino Cunha, presidente da IPB, visitou Angola e trouxe de lá o pedido de fortalecimento do convênio. Contudo, somente depois da visita do Rev. António Bento, moderador da IPA, ao Brasil, em 2006, é que novas medidas foram tomadas. De 2007 a 2019, vários pastores da IPB foram ministrar cursos específicos e algumas comitivas de líderes e membros de igrejas estiveram no país. Em uma delas, em 2012, voluntários ajudaram na construção do prédio do Seminário Presbiteriano, que foi inaugurado no mesmo ano.

Mais recentemente, a IPB manteve uma família e uma missionária no país. A família Bendia (Romário e Júlia) atuou em Lubango, de 2015 a 2021, com foco no plantio de uma igreja presbiteriana, “que ficou organizada com presbíteros, diáconos e um pastor angolano muito comprometido com o Reino”, na área da saúde, com a capacitação de profissionais, e na educação teológica (ISTEL). De 2016 a 2019, Eliane Gonçalves Machado dedicou-se “à capacitação teológica de líderes, implantação de Escolas Bíblicas Dominicais e criação de grupos pequenos”. Muito do seu tempo foi investido no discipulado de jovens e na educação teológica, como professora do Seminário Presbiteriano. Eventualmente, ela também treinou líderes e atendeu a igrejas de outras cidades.

Além do envio de missionários e materiais, a IPB tem colaborado com a IPA ao receber seus filhos em instituições teológicas que lhe pertencem. Em 2016, o Rev. António Neves Mussaqui concluiu o mestrado em divindade no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, sediado em São Paulo. Atualmente (2022), três jovens são alunos de seminários da denominação.

3.2 Guiné-Bissau

Os obreiros da IPB no país podem ser agrupados em duas categorias: os que colaboraram com a causa evangélica em geral e aqueles que têm trabalhado na plantação e consolidação da igreja presbiteriana.

Em 1987, os jovens Alfredo Ferreira de Souza e Ronaldo Almeida Lidório foram enviados pela WEC International como voluntários da Operação Mobilização para ajudar os missionários da própria WEC. Ficaram nove meses e estiveram tanto no continente como no arquipélago. No ano seguinte, Marizete Soares Xavier foi enviada pela Missão Amem para trabalhar entre os bijagós. Ali permaneceu por dois anos. Em 1997, durante seis meses, o jovem Marcos Martins colaborou com a Igreja Evangélica da Guiné-Bissau, tanto nas ilhas como no sul do país. Entre 1997 e 1998, Esther Guedes da Silva se instalou em Bissau como obreira da Missão Kairós, mas devido aos conflitos civis permaneceu apenas um ano, tempo no qual trabalhou em uma escola. De 1999 a 2009, em Bissau, Cicília Vieira, também pela Missão Kairós, atuou com plantação de igrejas e educação escolar. Entre 2001 e 2006, um constante colaborador em Gabu foi Júlio de Melo e sua esposa Joaline.

A partir de 1996, missionários começaram a chegar com o propósito de estabelecer a igreja presbiteriana. O Rev. José Dilson Alves da Silva e família se instalaram em Gabu e, no ano seguinte, organizaram a primeira igreja. Com a saída dessa família em 2003, assumiu a obra o Rev. Basílio Oliveira Gonçalves, que, com sua família, permaneceu de 2003 até 2012 e abriu importantes frentes de trabalho. Desde 2008 eles passaram a ser auxiliados pelo casal Rogério e Fabiana Pinheiro e a missionária Lucimar Augusta Rodrigues. Em 2016, reforçaram a equipe o Rev. Antônio Xavier da Silva e sua esposa Luzinete.

Além da igreja, em Gabu está sediado o *Projeto Educando*, liderado por Rogério e Fabiana, que continuam à frente desse bonito ministério socioeducativo que oferece formação escolar para crianças, adolescentes e jovens. O *Educando* funciona por meio do sistema de apadrinhamento, ou seja, uma pessoa adota um aluno e passa a ser sua mantenedora. Algumas centenas de pessoas já foram beneficiadas pelo projeto. Hoje, com quase 200 alunos, o *Educando* também tem possibilitado o financiamento de estudos universitários a quatro jovens.

Outro polo de atuação da missão presbiteriana está em Bissau, a capital do país. Em 2010, a missionária Cícilia Vieira de Sá e seu esposo Alberto Sá iniciaram o trabalho presbiteriano no bairro de Djaal. Junto com a plantação da igreja, o casal iniciou a Escola Presbiteriana Semear, que conta com mais de 200 alunos. Pela dedicação do casal e de outros obreiros, em 2014 foi organizada a Igreja Presbiteriana de Djaal. Um fato interessante é que, logo que começaram a atuar em Djaal, o casal foi procurado para dar assistência a um grupo de crianças do bairro de Plak 2. Pela graça de Deus, esse trabalho cresceu e, em 2021, foi organizada a Igreja Presbiteriana de Plak 2. Desde o final de 2013, o casal Danilo e Maria Joelma Soares faz parte da equipe que trabalha na cidade, onde desenvolvem o Projeto Esperança, com muitas atividades relevantes. De 2018 a 2019, a obra nesse bairro contou com o apoio de Paulo Eduardo Gonçalves. No leste do país, o casal Levi e Bruna Macedo atua entre os muçulmanos. Estão no país desde 2018.

Em Bissau também se encontra o Seminário Presbiteriano, inaugurado em 2012 e dirigido pelo Rev. Paulo Serafim de Souza, que, com sua família, atua no país desde 2011. O seminário já formou 16 alunos. O corpo docente é formado pelos missionários da APMT, pastores nacionais e alguns visitantes.

A jovem Igreja Presbiteriana na Guiné-Bissau (IPGB) está em pleno crescimento. Atualmente (fevereiro de 2022), a IPGB conta com três igrejas organizadas, nove congregações que, em algum momento, devem passar à condição de igrejas organizadas, oito pastores nacionais, dez presbíteros, dez diáconos, aproximadamente 350 membros comungantes, 20 não comungantes, duas escolas, um projeto social, um seminário e quatro candidatos ao sagrado ministério.

3.3 Moçambique

O Rev. Robert Samuel Johnson foi o primeiro missionário da IPB entre os moçambicanos. De 1990 a 1994, ele e sua esposa Corine residiram em Maputo e trabalharam com universitários. Johnson esteve ligado à Aliança Bíblica Estudantil. Faleceu em março de 1994, vitimado pela malária.

De 1991 a 2010, por lá atuou o Rev. Labieno Moura Palmeira. Estabeleceu-se em Beira, como missionário da Missão Para o Interior da África (MIAF). Na mesma região e também pela MIAF, trabalharam Kátia Monteiro (1995-2003), Yael Machado (1995-1997) e o Rev. Alexandre Tadeu Oliveira (1995-1996). Todos atuaram nas áreas de ensino e capacitação de líderes, assim como o Rev. Gessé Rios, nos anos 1996 e 1997, que não pôde continuar no país por problemas de saúde na família. O Instituto Bíblico de Sofala foi beneficiado pela colaboração desses missionários, que em maior ou menor medida também se envolveram na plantação de igrejas presbiterianas na região. Por sua vez, de 1991 a 1994, Aldacyr Rodrigues Mota atuou nas cidades de Gondola, Chimoio, Beira e Pemba. Em parceria com as missões Maforga e SOS África, trabalhou com assistência a crianças órfãs, evangelização de muçulmanos, ensino no Instituto de Sofala e evangelização e plantação de igrejas entre tribos não alcançadas (makua, makonde e kimuane). O engenheiro agrônomo E.,²¹ em 1994 e 1995, serviu em Maputo, enviado pela Mocidade Para Cristo. De 1997 a 2001, com sua esposa S., enfermeira, agora mantido pela Visão Mundial, serviu em Nampula e Zambézia. O casal se dedicou ao plantio de igrejas e projetos de desenvolvimento rural e saúde familiar.

Outra frente ministerial que têm sido desenvolvida no país é a de cooperação com a Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM), denominação centenária que carece de líderes bem preparados. Muitas congregações são dirigidas por pessoas com pouco ou nenhum preparo ministerial.

De 2002 até 2010, Luciano de Azevedo, instalado em Beira, além de ter sido tesoureiro da MIAF, dedicou-se à evangelização, trabalho com os jovens e ensino no Instituto de Sofala. Em 2011, já em Maputo, manteve o mesmo foco ministerial: preparação de líderes. Imediatamente passou a lecionar na Escola de Teologia do Khovo, instituição da Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM) e, desde 2017, no Seminário Unido de Ricatla, onde os pastores da IPM são formados. Outro que participou do treinamento de líderes, tanto nas igrejas como em escolas teológicas de Maputo, foi o Rev. Fernando L. A. de Freitas, de 2003 a 2006, que atuou como obreiro da SEPAL dos Estados Unidos.

Em Maputo e seus arredores, de 2011 a 2018, Lígia Bordini se envolveu com evangelismo e discipulado por meio de projetos e ações sociais (corte e

²¹ Por razões de segurança, o missionário pediu para não ter sua identidade revelada por encontrar-se hoje em um campo hostil ao evangelho.

costura, mentoreamento e aconselhamento de adolescentes e pré-adolescentes etc.), treinamento de professores de Escola Dominical e docência na Escola do Khovo e em congregações da IPM.

O casal Rev. Henrique e Giselle Machado chegou em 2019. Primeiramente, em Tete, mas, devido a problemas de saúde, desde 2020 a família reside em Maputo. Ali Henrique ensina na Escola de Teologia do Khovo e no Seminário Unido de Ricatla. Em 2022, assumiu o pastorado de uma congregação da IPM. A última obreira que desembarcou no país é Mônica Maria Alves, que está em Maputo desde 2021.

3.4 Gana

Foi nesse país que um casal conseguiu, pela graça de Deus, alguns dos resultados mais visíveis da IPB no campo transcultural. Segundo o Rev. Gessé Rios, líder da base da APMT para a África Austral, “ali se deu um daqueles fenômenos missiológicos nos quais a providência de Deus se manifestou no meio dos Konkomba-limonkpeln. Podemos dizer que a plenitude dos tempos chegou para esse povo”.

O Rev. Ronaldo Lidório e sua esposa Rossana iniciaram seu ministério na região de Koni, ao nordeste de Gana, em 1993. Antes, entre 1987 e 1988, ele já havia servido em Cabo Verde e Guiné-Bissau, experiência que lhe permitiu ver de perto o trabalho entre povos não alcançados. Após terem concluído seus estudos em teologia e enfermagem, respectivamente, terem feito alguns cursos como preparação para o campo e de uma temporada na Inglaterra para aprender inglês, o casal se instalou em Gana, onde a WEC International tem uma base de trabalho. Ronaldo e Rossana foram enviados pela JME e a WEC, em uma parceria de trabalho.

A primeira área de atuação foi a da saúde, justamente por ser a mais urgente e a que não requeria fluência no idioma. Pessoas com malária, tuberculose, feridas por víboras e outros animais, acidentados e mulheres grávidas receberam assistência desde a chegada do casal. Normalmente eram realizados uns 30 atendimentos diários, mas houve ocasiões em que mais de 100 pessoas foram atendidas em um dia.

A partir de 1994, com vistas ao plantio da igreja entre os konkombas falantes da língua limonkpeln, intensificou-se o trabalho de evangelização nesse contexto de religião animista. “Após 16 meses e com apenas 12 convertidos, o Senhor moveu a sua mão e presenciamos um verdadeiro derramar do Espírito em uma crescente igreja que conta hoje com mais de 3.500 crentes”, afirma Lidório. Na medida em que as conversões aumentavam, investiu-se no treinamento de crentes para assumir funções de liderança. Por conta disso, outra frente ministerial foi aberta: a de tradução da Bíblia. Porém, antes de fazê-lo, Lidório teve que grafar a língua, criando para a mesma dicionário, gramática e cartilha, a fim de ensinar os konkombas a ler e escrever em seu idioma. O fruto

principal desse esforço foi a publicação, em 2004, do Novo Testamento. Em 2015, foi iniciada a tradução do Antigo Testamento, que nesse momento já conta com 25 livros traduzidos. Nessa etapa, a tradução tem sido realizada por alguns konkombas – liderados por Peter Balabon –, sendo supervisionada por Lidório.

O estabelecimento de escolas em Koni e Molan constituiu-se outro braço da missão. Esses educandários contam com três professores treinados na própria tribo e mais de 220 crianças divididas em seis classes do curso primário.

Este é um projeto que, apesar de causar pequeno impacto a curto prazo, será estratégico para o crescimento e expansão da igreja entre os konkombas em um futuro próximo. Seu objetivo é preparar a nova geração para o inevitável encontro com a cultura ganense externa,

diz o missionário. Ambas as escolas foram assumidas pelo governo, ainda que funcionem sob os cuidados da igreja konkomba.

Lidório e Rossana, com seus filhos Viviane e Ronaldo Jr. – que nasceram e foram criados durante o tempo da família em Gana –, permaneceram no campo até 2002, quando retornaram ao Brasil. Desde então, ele tem visitado os konkombas a cada três anos.

Em suma, em meio a muito trabalho e aprendizado, 28 malárias nele, sete em Rossana, três em Viviane e uma malária cerebral em Ronaldo Jr., bem como diversas experiências, Deus usou essa família para fazer com que mais de 30 igrejas, duas escolas e uma clínica fossem estabelecidas, além de ter dado à igreja konkomba seis pastores nativos e 87 presbíteros. Os frutos desse ministério estão sob os cuidados da Evangelical Church of Ghana, com a qual a WEC mantém um convênio.

Durante e após seu período em Gana, Lidório tem sido convidado para palestrar e ministrar cursos em diferentes partes do mundo. Autor profícuo, seus livros têm sido publicados em outras línguas (inglês, francês, alemão e konkomba-limonkpel). Desde 2002, ele e Rossana têm atuado entre povos não alcançados na Amazônia brasileira e atualmente coordenam o *Planters*, iniciativa da APMT e WEC que tem como objetivo dar treinamento bíblico e missionário para plantadores de igrejas locais em 37 países nos quais o evangelho menos se espalha, sobretudo na Ásia, Oriente Médio e norte da África.

3.5 África do Sul

Entre 1995 e 1997, o Rev. Ronaldo Teixeira Gama foi missionário em Durban. Ali trabalhou com evangelização de muçulmanos e hindus, além de ter compartilhado o evangelho entre os zulus. Uma experiência marcante que teve foi a de ter se relacionado com Jacob Zuma, que viria a ser presidente do país de 2009 a 2018 e foi evangelizado junto com sua esposa e filhos.

De 1996 a 2001, o Rev. Aldacyr Rodrigues Mota trabalhou nas cidades de Benoni e Kempton Park com a Benoni Evangelical Church e, em Durban, com a Merebank Presbyterian Church (MPC). Em 2005, novamente em Durban, colaborou com a MPC.

Em 2001 o missionário Luciano de Azevedo morou no país para aprendizado da língua inglesa. Como resultado, fez contatos com igrejas locais, as quais viram a presença brasileira no país como uma oportunidade para alcançar refugiados de língua portuguesa. Com a ida de Luciano para Moçambique, algumas dessas igrejas quiseram contar com o apoio de brasileiros no trabalho com os referidos refugiados. Essa situação levou a APMT a considerar a possibilidade de ter uma base missionária no país. Por conta disso, decidiu enviar a família Rios para Cidade do Cabo.

Atuando por lá desde 2002, o Rev. Gessé Rios tem se envolvido em diferentes frentes ministeriais. A primeira delas foi a de assistência a refugiados angolanos, que eram evangelizados e também recebiam ajuda humanitária e apoio para se socializarem no país. Com a chegada de mais brasileiros para aquisição do idioma inglês – quase 20 adultos de 2002 até o presente –, o ministério junto aos refugiados foi ampliado e estendido aos de Burundi, Maláui, Moçambique, República Democrática do Congo, Ruanda, Zimbábue e outros países. Esse trabalho tem tido o importante apoio da Kenilworth Community Presbyterian Church (KCPC), cujos membros têm se envolvido no evangelismo e em ações de misericórdia. Além da família Rios, da colaboração de missionários que estavam de passagem e de membros da KCPC, de 2008 a 2015 a missionária Silvia Helena Octaviano atuou nessa frente, acompanhada de sua filha Laura Cecília. Por meio de oficinas de música, costura, artes, culinária e computação, os estrangeiros têm podido se preparar melhor para o mercado de trabalho e alguns deles foram alcançados pelo evangelho de Cristo.

Outras linhas de atuação do Rev. Rios são: (i) a coordenação da APMT Base África Austral, inaugurada em 2011, o que lhe permite supervisionar o ministério dos demais missionários na região e propor a abertura de novos campos, e (ii) a colaboração com o Mukhanyo Theological College, em KwaMhlanga, na província de Mpumalanga, instituição voltada para o treinamento de obreiros locais e que tem capacitado pessoal da África do Sul e de outros países.

O obreiro mais recente no campo é o Rev. Vinícius Silva Bantim, que desembarcou em 2018. Em 2020 e 2021, serviu às Igrejas Reformadas da África do Sul (Gereformeerde Kerk in Suid Afrika), na cidade de Strand, na província de Western Cape, com vistas a fazer incursões evangelísticas no norte de Moçambique. Contudo, devido à insegurança gerada pelos grupos radicais islâmicos naquela região, teve que mudar o foco de seu projeto e passou a trabalhar com a Reformed Evangelical Anglican Church of South Africa. Atualmente, ele e sua família atuam na plantação de uma igreja entre estudantes da University of Mpumalanga, na cidade de White River.

3.6 *Senegal*

Apesar de mais de 90% da população declarar-se islâmica, o Senegal é um país laico e onde existe, em geral, tolerância religiosa. Trata-se de um campo no qual a obra presbiteriana tem progredido em meio a lutas e provações. Foi dentro de seus domínios que a missão da IPB viveu um de seus momentos mais dramáticos na África: a prisão do Rev. José Dilson Alves da Silva.

Obreiros da IPB têm atuado ali desde o final da década de 1980. De 1989 a meados de 1992 e em 1995, pela Missão Novas Tribos, Reginaldo Goulart e sua família se estabeleceram na região de Casamance, onde realizaram trabalho de evangelização e discipulado e também ajudaram na base e na escola da missão, dando suporte aos colegas que atuavam em outras regiões do país. Entre 2001 e 2002, já como missionários da APMT, atuaram na base da missão em Dakar e, no sul, ajudaram no discipulado e capacitação de líderes entre convertidos de várias etnias.

Em 1995, a missionária Gideilda Maria dos Santos instalou-se em Thiés, mas não ficou muito tempo vinculada à JME. Nesse mesmo ano, Vildene Lopes se instalou na capital Dakar e, em 1998, Ronald Lombardo se uniu a ela. Ambas se casaram com africanos e estão no campo até hoje, dedicando-se às ações de misericórdia junto a crianças, adolescentes e jovens em situação difícil nas ruas de Dakar. Esse ministério inclui ação social, evangelismo, aconselhamento, alfabetização e primeiros socorros. Além do mais, elas têm apoiado a plantação de igrejas.

Nos anos seguintes chegaram os Revs. Marco Mota (2003) e José Dilson (2005). Por meio deles, ações de evangelização e discipulado foram empreendidas e, assim, iniciou-se uma congregação no bairro Hann Mariste. Essa plantação contou com o apoio de todo o pessoal da IPB em Dakar e tornou-se uma igreja. Junto dela funciona uma escola que também nasceu como resultado desse esforço missionário.

Um fato importante na consolidação da obra foi a criação, em maio de 2006, da APMT Senegal. A partir desse momento o trabalho presbiteriano ganhou status legal no país. Outros missionários desembarcaram e ampliaram o alcance da missão. Em 2008, o Rev. Gerson Troquez e sua esposa Marília; de 2009 a 2013, Rosa Maria da Silva realizou atendimento odontológico como voluntária; entre 2012 e 2015, o Rev. Juarez Teodoro trabalhou com discipulado de jovens e treinamento de líderes; em 2014, o Rev. Basílio Gonçalves e família; em 2018, o Rev. João Batista Isaías e família; e, em 2020, Lucimar Augusta, que estuda o idioma para poder servir plenamente.

Uma situação que se constituiu em dura provação para toda a equipe missionária foi o encarceramento do Rev. José Dilson Alves da Silva, de novembro de 2012 a abril de 2013, em Dakar. Ele liderava o ministério que atendia meninos talibês (crianças entregues pelos pais para líderes religiosos)

e crianças de rua. O pai de um menino que havia sido resgatado da rua acusou o Rev. Dilson e outra missionária, Zeneide Moreira, de terem convertido seu filho ao cristianismo e de o obrigarem a trabalhar para eles. O caso repercutiu internacionalmente e fez com que o governo brasileiro, por meio do Ministério de Relações Exteriores, intervisse junto às autoridades senegalenses. Após sua soltura, o Rev. Dilson teve que cumprir medidas cautelares e, em 2014, pôde deixar o país.

Em Dakar, desde 2016, funciona um local de evangelização no bairro Amitié 3. Esse trabalho é uma iniciativa do casal Joseph e Ronalda e contou com o apoio do Rev. Basílio Gonçalves. Por conta da pandemia, suas atividades foram suspensas em 2021, mas devem ser retomadas a qualquer momento. Em 2021, no bairro Hann Mariste, o Rev. Basílio estabeleceu um local de evangelização na sua casa.

Fora da capital, existem outras frentes. Em Niakhar e Ndiobe, foram organizadas igrejas por intermédio dos Revs. Marco Mota e Gerson Troquez. Ambas hoje estão sob os cuidados de obreiros nativos treinados pela APMT Senegal. Até 2016, em Niakhar, haviam sido batizadas mais de 100 pessoas e, em Ndiobe, 35.

Por sua vez, em dezembro de 2006, na região de Thioffior, por intermédio dos pastores Dilson e Mota, foi aberta uma estação evangelística em uma aldeia. A partir de 2008, o casal Troquez passou a colaborar com o Rev. Mota e, em 2011, assumiu a liderança desse posto. Outras aldeias têm sido evangelizadas e existem igrejas sendo plantadas na região. Para fortalecer o trabalho de capacitação de líderes, em 2018 foi fundado pelo Rev. Troquez o Centre Théologique Presbytérien du Sénégal. Infelizmente, em julho de 2021, esse pastor perdeu sua esposa Marília, vitimada pela COVID-19. Mais recentemente, casou-se com Vivian e, desde abril deste ano, estão ativos no campo. A plantação mais nova foi iniciada em Saly, em 2022, pelo Rev. João Batista e sua família. Essa obra tem contado com o apoio do casal Jérôme e Vildene.

3.7 Outros países e um caso especial

Cabo-Verde

Em 1987, os seminaristas Alfredo Souza e Ronaldo Lidório, acatando um conselho do Rev. Frans Leonard Schalkwijk, diretor do Seminário Presbiteriano do Norte, interromperam seus estudos e, durante um ano, serviram a Deus na África. Em Cabo Verde permaneceram três meses. Ali, por meio da WEC International, colaboraram com a Igreja do Nazareno em Praia, dedicando-se à evangelização e discipulado de jovens.

Entre 1999 e 2006, pela Missão Kairós, a enfermeira Esther Guedes da Silva serviu nas ilhas Santiago, Fogo e São Vicente, colaborando com a Igreja Evangélica Missionária.

Guiné-Conacri

Dois esforços aconteceram no país. De 1999 a 2003, Lucinda Barbosa Kahn trabalhou entre os Fulas. Por sua vez, de 2000 a 2007, o Rev. Mauricio Rolim e sua esposa Sandra atuaram junto aos Baga Foré, sendo os primeiros missionários a atuar com essa etnia. Pela graça de Deus, a língua desse grupo foi grafada, o Novo Testamento foi traduzido e uma igreja estabelecida entre eles.

Tunísia

O casal E.-S. serviu no país de 2005 a 2013 (pela APMT e Interserve Brasil) e, novamente, desde 2021, dessa vez mantido por igrejas locais do Brasil e do Chile e pela Interserve América Latina. O foco ministerial é o evangelismo e discipulado em parceria com congregações evangélicas locais e a execução de projetos de desenvolvimento rural e saúde familiar.

Zimbábue

Em março de 2021 o casal Martinez (Maurício e Ana Cristina) desembarcou no país e, desde então, se dedica à compreensão da cultura e aquisição de idiomas. “Os primeiros desafios foram a adaptação à cultura Shona e Ndebele e a vivência em um sistema financeiro com 3 moedas diferentes”. O foco ministerial é o evangelismo de crianças e o treinamento de obreiros para ensiná-las. Esse projeto, denominado “Casa de Pedra”, desenvolve-se em parceria com o Bulawayo Presbytery, corpo eclesialístico de uma denominação presbiteriana local.

Ministério em países de língua portuguesa

Um missionário e uma missionária têm se dedicado ao treinamento e orientação de líderes na África lusófona. O mais antigo deles é o Rev. João Barbosa de Oliveira Júnior, membro do Presbitério Brasília Sul. Obreiro da missão One Challenge International, Oliveira se dedica ao treinamento, mentoria e capacitação de líderes e a estratégias de multiplicação de igrejas. Por conta disso, ao longo dos anos tem visitado Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, onde se reúne com irmãos locais. Morou nos seguintes lugares: Suazilândia (1990-1996), Moçambique (2003-2010) e África do Sul (1996-2003; 2010-2017; 2021-).

Já Madalena Gomes está no continente há mais de duas décadas. Membro da IPB desde 1991, ela residiu em Moçambique (1998-2013) e, desde 2013, mora na África do Sul. Como Barbosa, visita os países de fala portuguesa e realiza treinamento e mentoria de líderes. Inicialmente serviu pela Oriental Mission Society International, depois pela Aliança Global OC/Sepal e, a partir de 2017, pelo Projeto MovaMe, uma iniciativa própria.

CONCLUSÕES

1. As frentes de atuação dos obreiros brasileiros foram ministério pastoral (Portugal, Estados Unidos, Chile e Venezuela), docência teológica (Portugal e Argentina) e evangelização e plantação de igrejas (continente africano).

2. De várias maneiras, a IPB foi enriquecida pela experiência que seus pastores tiveram no exterior. Após retornarem ao país, Mota Sobrinho, Pascoal Pitta, Natanael Emmerich, Wilson de Castro Ferreira, Edijéce Martins Ferreira, Aristeu Pires de Oliveira, Nephtali Vieira Junior, Odayr Olivetti, João Emerick de Souza e Joás Dias de Araújo realizaram abençoado e reconhecido ministério na denominação. Da mesma forma ocorreu com Mário Alves, Dídimo de Freitas e Cláudio Marra. O primeiro integrou a diretoria da JME. Freitas foi capelão do Instituto Presbiteriano Mackenzie e, durante muitos anos, o grande apoiador do trabalho missionário no Paraguai. E Marra, desde 1996 é o diretor editorial da Editora Cultura Cristã, da IPB. Outros nomes poderiam ser mencionados.

3. O idioma português tem sido ora mais, ora menos, utilizado em Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e também com pessoas oriundas de culturas lusófonas na África do Sul. O fator linguístico tem sido usado por Deus para que a IPB abençoe pessoas de outras culturas.

4. É maravilhoso ver a graciosa mão de Deus na vida de seus filhos. Mário Alves, que havia dito à sua então namorada que tiraria da cabeça dela a ideia de servir ao Senhor na África, hoje afirma o seguinte:

Quando dizemos sim ao chamado do Senhor, não temos ideia de tudo o que ele irá realizar e daquilo que o futuro reserva em termos de oportunidades e portas que se abrirão para expansão da obra. Quando viajamos para África do Sul em 1972, nosso alvo inicial era trabalhar com os imigrantes portugueses no país. Não sabíamos, logicamente, o que aconteceria em Portugal em 1974 e suas consequências nas colônias, mas o Senhor sabia! Também não podíamos imaginar, naquele início, que a obra se estenderia a Portugal e muitos convertidos e seus familiares se espalhariam pela África do Sul, Portugal, USA e Canadá. Toda glória ao Senhor.

5. É perceptível o fortalecimento da IPB no que diz respeito ao trabalho missionário. Se até meados da década de 90 o envio e sustento de obreiros era irregular e sujeito a muitas intempéries, após a organização da APMT se nota um melhor planejamento e coordenação de ações junto aos obreiros e campos.

6. Em Gana o esforço missionário alcançou sua finalidade: organização de uma igreja local que é autossustentada e autogovernada.

7. Na Guiné-Bissau a obra está cada vez mais consolidada e dando passos rumo ao desaparecimento da missão e autonomia da igreja local.

8. A África do Sul tem sido um lugar estratégico para os propósitos da APMT no continente. Por razões geográficas e de desenvolvimento humano,

serve como base para a África Austral, campo de trabalho junto a refugiados de vários países e local de aprendizado da língua inglesa para muitos que querem servir no continente e além dele.

9. O continente africano tem sido uma escola para o amadurecimento missionário da IPB e para treinamento de diversos obreiros. O reino de Deus tem sido expandido em outros rincões (Portugal, França, Amazônia brasileira, povos hispanos no Brasil, Uruguai etc.) por meio de homens e mulheres que foram lapidados pelo Senhor na seara africana.

10. As missões realizadas por brasileiros na África dão testemunho da graça soberana de Deus. Se nos séculos passados milhões de africanos foram arrancados de sua terra e despejados na América portuguesa como escravos, é maravilhoso ver hoje pessoas fazerem o caminho inverso para anunciar entre os africanos que, em Cristo, não existe escravidão opressora, mas, sim, servidão prazerosa. São milhões que necessitam ouvir o evangelho. Que mais brasileiros se entusiasmem pela obra no continente de onde vieram grande parte de seus ancestrais.

ABSTRACT

This article considers the history of the growing missionary involvement of the Presbyterian Church of Brazil in Africa. During several decades, the foreign missions work of this denomination was performed in countries with a previous Presbyterian presence, starting in Portugal. Subsequently, the United States, Chile, Argentina, and Venezuela also received Brazilian Presbyterian pastors and missionaries. The work in Paraguay, started in 1970, was the first in a country with no Presbyterian presence. As far as the black continent is concerned, the first experiment took place during the same decade in South Africa. In the following decades, IPB's Board of Foreign Missions (JMN) and, subsequently, its successor, the Presbyterian Agency for Cross-cultural Missions (APMT) sent a considerable number of missionaries to Angola, Guinea-Bissau, Mozambique, Ghana, South Africa, and Senegal, as well as to Cape Verde, Guinea-Conakry, Tunisia, and Zimbabwe. The most impressive phenomenon occurred among the Konkomba people in Ghana, which resulted in a vibrant church with thousands of members. The article ends by listing the benefits of this impressive missionary investment in the African continent.

KEYWORDS

Presbyterian Church of Brazil; Cross-cultural missions; Latin America; Africa; Dutch Reformed Church; Pastors; Missionaries; Portuguese-speaking nations; Konkomba people.